

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: SOBRE PRINCÍPIOS, METODOLOGIAS E ATITUDES¹

Antonio Almeida da Silva*

Educação Ambiental: Sobre princípios, metodologias e atitudes convida você, leitor e leitora, a algumas indagações, o que, na verdade, é um convite a todas as pessoas que se permitem tatear, degustar, escutar, visualizar, isto é, experienciar outras metodologias em sua prática pedagógica de educação e, particularmente, em educação ambiental, para que se possa romper com o pronto, o perfeito e o acabado. Convido você, leitor e leitora, a topografar outras paisagens.

“Será que a ação pedagógica e metodológica em educação ambiental não ficaria mais prazerosa com um pouco de poetização do mundo?” (BARCELOS, 2008, p. 39)

Nessas paisagens e trajetos, a Educação Ambiental vem fornecer elementos e subsídios para uma prática de ensino interdisciplinar, pensada no diálogo com outros saberes e práticas, em que a comunidade possa ser escutada e incluída como parte integrante do fazer pedagógico cotidiano e cada sujeito ser visto como sujeito do conhecimento e não em função desse. E que, ainda, diante do constante recrudescimento e falta de perspectivas frente às mazelas desta sociedade capitalista, da falsa ideia de progresso, dos processos de aniquilamento e destruição dos saberes e culturas, pensemos em uma prática cotidiana, em que se valorize a amorosidade, a cooperação e não a competição. Construção de alternativas locais, que possam interferir nas questões ecológicas globais. Com esse pensamento, o professor Valdo Barcelos nos desafia para os “princípios, metodologias e atitudes”.

Quando fazemos alusão ao conhecimento e ao progresso humano, percebemos inúmeras representações de uma visão coalhada com uma única forma de saber, hegemonizando a ciência moderna em relação às demais formas de pensar. Não podemos deixar que o conhecimento produza ruínas e opressão, que todo sonho

¹ BARCELOS, Valdo. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

* Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba - Uniso. Doutorando em Educação pela Unicamp. E-mail: Almeidaecobio@bol.com.br

projetado pelo ser humano seja um mero sonho “fáustico”. Esse sonho, ou melhor, essa história está sendo construída agora, neste exato momento, então, “teremos de aceitar que a história da aventura humana neste planeta resulta daquilo que fazemos. Pois, não apenas fazemos a história. Somos ela própria”. (BARCELOS, 2008, p.17)

Porém, ainda continuamos presos aos falsos modelos, regras e experiências da ciência clássica, numa visão instrumentalista, sejam eles pertencentes às ditas ciências “naturais” ou “sociais”. Todo acontecimento histórico foi e é fruto de uma escolha. A escolha pelo caminho das guerras, competições, aniquilamento de culturas e o silenciamento dos inocentes não era e não é o único caminho; as escolhas poderiam e podem ser outras. “Não tem altura o silêncio das pedras.” (BARROS, 1997, p. 17)

Segundo Barcelos (2008), nossa sociedade, em especial a sociedade moderna, infelizmente, optou por caminhos que a levaram mais para a razão do que para a emoção; mais para a ciência do que para a arte; mais para o confronto do que para o diálogo; mais para a prosa do que para a poesia. Contudo, acreditamos que ainda podemos reconstruir essa trajetória com justiça social, ecológica, poética e estética. Se o caminho escolhido até agora foi esse, há que se pensar nos desvios, nos descaminhos. “Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os artilhários maduros”. (BARROS, 1997, p. 87)

Não nos resta outra opção a não ser pensar e agir através de outras metodologias, na possibilidade de inventar maneiras de criar, projetar, traçar outros caminhos e possibilidades.

Sim, porque não basta produzirmos conhecimento científico e transformá-lo em tecnologias e artefatos técnicos. Há que estarmos, também, atentos para refletir e decidir sobre quais tipos de conhecimento e de ciência queremos priorizar. (BARCELOS, 2008, p. 64)

É preciso utilizar da conversação e saber escutar as experiências, trajetórias e vivências na prática educativa. Acredito que esse é o desafio e a contribuição que a educação ambiental pode trazer às práticas cotidianas das pessoas. Para Reigota (2002) e Barcelos (2008), a perspectiva apresentada é de uma educação ambiental pós-moderna e antropofágica que busca inventar, recriar, imaginar, misturar, experimentar.

“Comer, regurgitar e depois deglutir o que queremos - que achamos que nos interessa - e vomitar aquilo que não queremos - que no momento não nos atrai ou que decidimos que não nos serve.” (BARCELOS, 2008, p.25)

Concomitantemente ao pensamento exposto, pensamos na contribuição do livro “Educação Ambiental: Sobre princípios, metodologias e atitudes” como uma

possibilidade política e pedagógica de promover ruídos, rupturas e desassossegoamento nas representações simplistas, ingênuas e até mesmo oportunistas no que se refere à construção de metodologias de trabalho em educação ambiental nos diferentes territórios e particularmente na sala de aula e independente da área em que atuamos. Como se refere Paulo Freire (1997), podemos aprender o tempo todo, em todos os lugares. Entretanto, “é necessário construirmos espaços de convivência em valores tais como a solidariedade, a cooperação, a participação, a responsabilidade, o cuidado, o reconhecimento do outro como legítimo outro na sua diferença.” (BARCELOS, 2008, p.54)

Barcelos (2008) apresenta uma importantíssima questão sobre como o professor, profissional da educação pode dar sua contribuição para diminuir os graves problemas ecológicos, sociais a partir da ação cotidiana, independente da área e nível de ensino em que atue. O autor busca na expressão “metodologias” (no plural) romper com as visões dogmáticas, mecanicistas e hegemônicas, cristalizadas, de uma única e verdadeira forma de ensinar.

Conforme Barcelos (2008), a metodologia pode ser entendida como um bom mapa que nos apresenta as coordenadas de uma viagem ou um território. Essa cartografia é o que chamamos de metodologias, sendo assim, nos permite dialogar com os territórios simbólicos (resultado da combinação de fatores oriundos das ciências sociais e das ciências naturais, que levam a complexidade inerente à ciência da cartografia).

Pensamos, então, sobre a emergente importância da educação ambiental em outros componentes curriculares e disciplinas, buscando rupturas nos territórios estáticos e estáveis, e alternativas para a edificação de um mundo construído na igualdade, na cultura de paz e na alteridade.

No mesmo sentido, Amorim (2004) pensa no currículo como uma narrativa de acontecimentos e um modo de ver e estar no mundo, onde imagens e escrita se mesclam harmoniosamente. O currículo quando construído e articulado coletivamente pode ser um excelente mapa de possibilidades infinitas. Entretanto, apesar de termos construído e visualizado alguns mapas, somos assim, como diz Caetano Veloso, “errantes navegantes”. O caminho é aberto assim como o currículo deve ser um conjunto de acontecimentos.

Talvez tenhamos que repensar as verdades e certezas diante da prática de Educação Ambiental e quiçá projetar o leme em outra direção, rendendo-nos à sugestão do poeta Manoel de Barros, que diz:

Todos os caminhos – nenhum caminho
Muitos caminhos – nenhum caminho
Nenhum caminho – a maldição dos poetas. (BARROS, 2006, p. 58)

No que se refere à prática em sala de aula, temos a premissa que o aprofundamento epistemológico baseado na ética arranque pela raiz o pensamento conservador, superficialista e apressado, que geralmente nos leva a buscar soluções fáceis e demagógicas. Pois toda mudança ética, política e ecológica esperada no ambiente escolar não é imediata e definitiva. Daí então a importância de um envolvimento de todos os membros da escola e da comunidade.

A prática de Educação Ambiental ainda é rodeada, em grande parte, de mentiras, “clichês”, representações ingênuas e perigosas. Ainda é comum escutarmos de nossos amigos (as) professores (as) que a educação ambiental é território das disciplinas de biologia, ciências e geografia. Muitas vezes, essas disciplinas disputam o acirrado direito à possibilidade de implementar um referido projeto ou, o que é pior, se deixam levar num jogo de empurra-empurra de projetos e ações pontuais, deixando a prática de educação ambiental restrita a datas comemorativas e a projetos externos à sala de aula.

Além disso, visualizamos certa confusão conceitual, procedimental e atitudinal no exercício da prática pedagógica em Educação Ambiental, sendo esta entendida como uma prática de conscientização para ações preservacionistas do gerenciamento de recursos naturais e práticas de reciclagem.

Sendo assim, a educação ambiental perde seu legado de construir ações na prática cotidiana dentro da sala de aula, de aprofundar debates, reflexões sócio-histórico-culturais para ser apenas uma mera intervenção, local e pontual dos problemas ambientais.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Antonio Carlos. Imagens e narrativas entrecortando a produção de conhecimentos escolares. In: **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, DOSSIÊ: “Imagem e pesquisa em educação: currículo e cotidiano escolar”, v. 25, n. 86, p.37-56, abril 2004.

BARCELOS, Valdo. **Educação ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes**. Rio de Janeiro, Vozes, 2008.

BARROS, Manoel de. **Gramática expositiva do chão**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **Retrato do artista quando coisa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **Matéria de poesia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

REIGOTA, M. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 2002.